

Converter a dívida, plano do Citi

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — O maior banco dos Estados Unidos e o maior credor do Brasil, o Citicorp, tem uma pequena carteira de investimento na Borsa de Valores de São Paulo. E uma associação com uma companhia nacional que administra fundos. Mas se o governo brasileiro deixar, ele irá muito mais longe, participando com milhares de dólares, convertidos da dívida, no mercado de ações.

"Honestamente, acredito que um investimento em ações no Brasil, hoje, é um ativo melhor do que um empréstimo para o Banco Central — onde ele fica 20 anos, sujeito a renegociações de acordo com a vontade do devedor. Então, é óbvio que eu pense que nossos acionistas serão melhor servidos se ao invés de um empréstimo assim eles tenham uma participação em forma de um investimento produtivo".

Quem diz isto é John Reed, o banqueiro que chocou a comunidade financeira internacional, na semana passada, ao adicionar 3 bilhões de dólares à reserva para empréstimos problemáticos do Citicorp, iniciativa que já foi seguida pelo terceiro maior banco dos Estados Unidos, o Chase Manhattan, e por um dos maiores bancos regionais norte-americanos, o Norwest, de Minneapolis, nos últimos dois dias.

John Reed falou 90 minutos com o *The Wall Street Journal*, que publicou trechos de sua entrevista, não assinada, na sua edição de ontem.

"Também quero remarcar", continuou John Reed, "pois penso que isto não foi ainda bem avaliado, que se você tem um investimento no país, que produz receita para o próprio país, ele é tributável. Um empréstimo não produz nenhum imposto para o Brasil. Ele dá impostos para o Tio Sam, mas nenhum para o Brasil. Então, se você puder pôr uma parte de sua participação numa forma de investimento mais direto no país, não só você ganhará, não só você vai melhorar a qualidade da carteira do investidor, mas você também produzirá uma base de renda para o governo local".

John Reed, em sua entrevista, também disse que o "Plano Baker" está vivo, desafiando todos os analistas econômicos que o acusaram de matá-lo, na semana passada, com o golpe surpreendente do aumento de reservas do banco, que custará um prejuízo de US\$ 2,5 bilhões no segundo trimestre deste ano.

O raciocínio para decretar a sentença de morte do "Plano Baker" foi

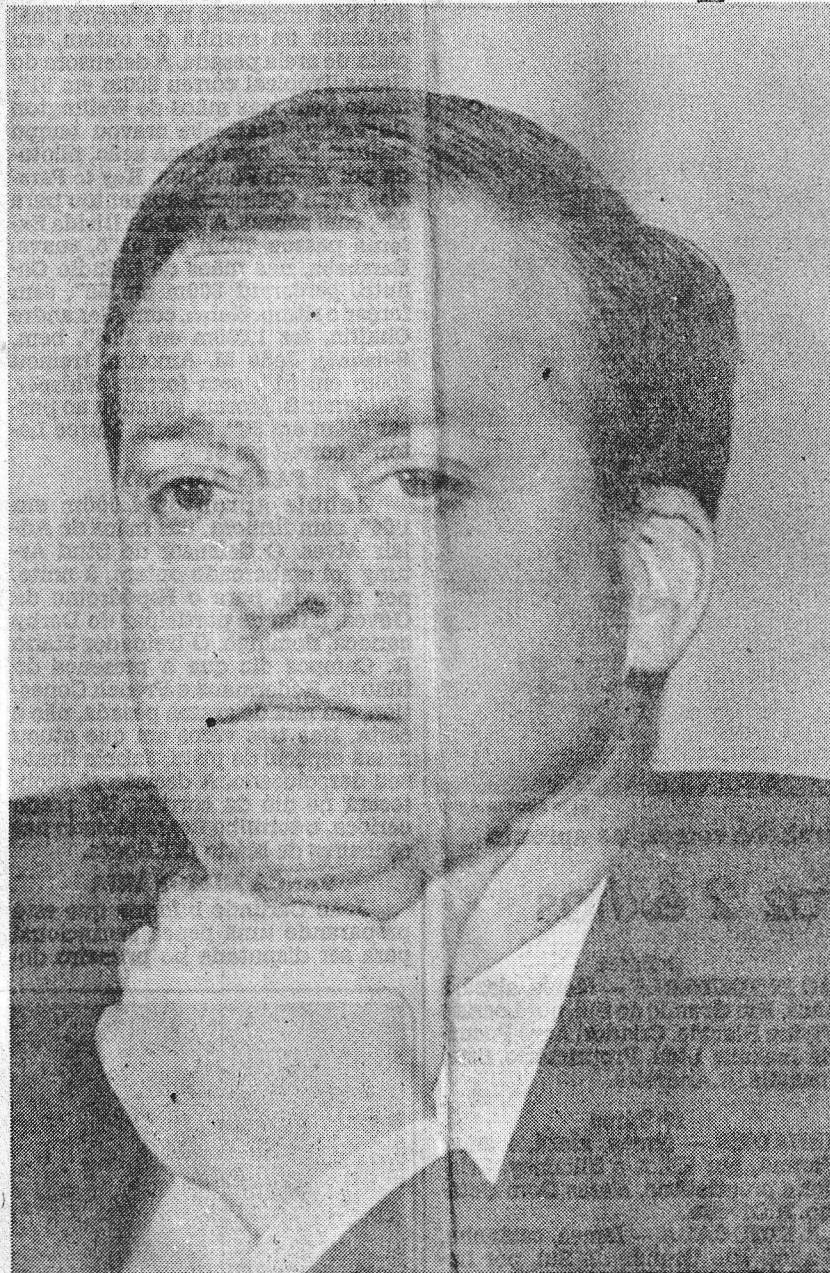
o de que ele requer dinheiro novo fluindo para os países endividados, em geral, para sobreviver. E de que quem aumenta as reservas contra maus empréstimos, levando um prejuízo tão grande, como o Citicorp, não vai ter uma recaída, emprestando mais dinheiro. John Reed não foi irônico ao afirmar, em sua entrevista ao *Journal*: "Sou um grande fã do 'Plano Baker'. Acredito até que ele capturou muito bem a essência de onde os Estados Unidos estão em termos de sua situação econômica global".

O secretário-adjunto do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford, também acha que o "Plano Baker" não só está vivo, como terá sua sobrevivência assegurada na próxima conferência econômica de cúpula de Veneza, reunindo os sete líderes dos maiores países industrializados do mundo. "Penso que a conferência de Veneza vai reconfirmar a estratégia de Baker para o problema da dívida, a sua abordagem caso por caso." David Mulford levou em conta os novos dados representados pela iniciativa tomada pelo Citicorp na semana passada, saudada pela imprensa como "uma nova era para a dívida", ou simplesmente, a "Era Reed". "Acho que o Plano Baker é muito bem baseado", acrescentou o banqueiro da nova era, de 48 anos. E deu três razões.

"Não conheço nenhuma nação em desenvolvimento que esteja sugerindo que queira passar por um ajustamento clássico, tipo FMI" comenta John Reed, passando para a segunda razão: o Plano Baker fala de ajuste estrutural. E isto é necessário para que alguns países possam tornar-se mais eficientes em seu próprio desempenho econômico. "Mas o tipo de ajuste estrutural que o Plano Baker preconiza terá também o efeito de abrir para o comércio as economias do terceiro mundo."

E a terceira razão: dinheiro novo. "Todo mundo está dizendo que a iniciativa Baker morreu, que os bancos não emprestarão mais dinheiro aos países em desenvolvimento, e isto me surpreende porque os fatos não são estes. Quero dizer que aumentamos nossa participação — nós, a comunidade bancária internacional — em 12%, 12,9%, no México, como resultado do acordo mexicano. Agora, o Plano Baker propõe que os empréstimos devem aumentar em 3% ao ano. Nós conseguimos 12,9% em um ano.

O embaixador do Brasil em Washington, Marclio Marques Moreira, considerou a iniciativa do Citicorp, e depois do Chase Manhattan e do



Reed: empréstimos não produzem impostos para o Brasil

Norwest, como "positiva", na medida em que os bancos se sentirão mais sólidos na mesa de negociações. Muitos analistas econômicos, ao contrário, viram na iniciativa um enfraquecimento do Brasil e um endurecimento dos credores, dando um show de força. O que pensa disso o banqueiro que tomou primeiro a decisão?

"Sempre achei que devedores e credores iriam beneficiar-se tendo negócios mais saudáveis, saudáveis

no sentido de uma maturidade mais curta. Vinte anos para um negócio bancário não é realmente um negócio de banco".

Uma revelação final de John Reed: o Citicorp contratou pessoal especializado em mercado de ações em vários países da América Latina. "Conhecemos agora o ambiente de negócios". E ele promete que vai lançar em operações onde houver oportunidade, no mundo em desenvolvimento.